

## **GIROS DA INTERPRETAÇÃO**

**O** enigma na  
literatura e na  
psicanálise

### **Coleção TerramaR**

---

Coordenadores

*Nina Virgínia de Araújo Leite* (Unicamp)

*J. Guillermo Milán-Ramos* (Udelar/Urugai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

*Cláudia de Lemos* (Unicamp)

*Flavia Trocoli* (UFRJ)

*Viviane Veras* (Unicamp)

*Paulo Endo* (USP)

---

Nina Virginia de Araujo Leite  
Flavia Trocoli  
(organizadoras)

**GIROS DA  
INTERPRETAÇÃO**

**O** enigma na  
literatura e na  
psicanálise

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Giros da interpretação : o enigma na literatura e na psicanálise / Nina Virgínia de Araujo Leite, Flavia Trocoli, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015. -- (Coleção *TerramaR*)

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-356-7

1. Enigmas 2. Leitura – Psicologia 3. Linguagem 4. Psicanálise e literatura I. Leite, Nina Virgínia de Araujo. II. Trocoli, Flavia. III. Série.

15-04398

CDD-809.933

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Interpretação e enigma : Literatura e psicanálise 809.933
2. Interpretação e enigma : Psicanálise e literatura 809.933

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Mariana Marques Moraes

*Obra em acordo com as novas  
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**OUTUBRO/2015**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*CEdipo y el enigma  
Cuadrúpedo en la aurora, alto en el día  
y con tres pies errando por en vano  
ámbito de la tarde, así veía  
la eterna esfinge a su inconstante hermano,*

*el hombre, y con la tarde un hombre vino  
que descifró aterrado en el espejo  
de la monstruosa imagen, el reflejo  
de su declinación y su destino.*

*Somos Edipo y de un eterno modo  
la larga y triple bestia somos, todo  
lo que seremos y lo que hemos sido.*

*Nos aniquilaría ver la ingente  
forma de nuestro ser; piadosamente  
Dios nos depara sucesión y olvido*

Jorge Luis Borges



## Sumário

Prefácio	
Interpretação e enigma na literatura e na psicanálise . . . . .	11
<i>Flavia Trocoli</i>	
<i>Nina Virginia de Araujo Leite</i>	

### I. TRAGÉDIA, INTERPRETAÇÃO E ENIGMA

Tragédia grega e configuração do personagem pós-traumático. . . . .	17
<i>Trajanov Vieira</i>	
De voltas e pontas, ou: sobre o trágico em literatura e psicanálise . . . . .	27
<i>Markus Lasch</i>	
Por uma prática <i>path-ética</i> . . . . .	39
<i>Ana Vicentini de Azevedo</i>	
“O nome da terra desaparecerá” ( <i>Troianas</i> , 1322), ou interpretar como enganar(-se) a morte . . . . .	49
<i>Ricardo Pinto de Souza</i>	
Édipo Rei: Aporia, Enigma, Paradigma . . . . .	63
<i>Alberto Pucheu</i>	

## II. A OUTRA CENA DA INTERPRETAÇÃO: LITERATURA

- A pedra dura ao luar: o caderno de sonhos de MGab. . . . . 75  
*Lucia Castello Branco*
- Do gesto de partir a luz: transposição e  
escrita em Maria Gabriela Llansol . . . . . 87  
*Janaina de Paula*
- Palavra em ponto de dicionário:  
a prática da letra em trabalho de citação . . . . . 99  
*Vania Maria Baeta Andrade*
- Marguerite Duras: no ravinamento da escrita . . . . . 111  
*Maria Sílvia Antunes Furtado*
- Olhar** em enigma: a metáfora em Borges e Bataille . . . . . 119  
*Patrícia Leme*
- As voltas do *flâneur* . . . . . 143  
*Débora Lucas Duarte*  
*Silvana Matias Freire*
- A “Carta ao pai” como cena e interpretação . . . . . 153  
*Maria Victória Guinle Vivacqua*
- “O travo de tanto segredo” (Sobre o narrador  
violento de *Grande sertão: veredas*) . . . . . 163  
*Danielle Corpas*

## III. DO ESCRITO À CLÍNICA

- Tempo indeterminado, tempo indefinido, tempo  
sem limite: o testemunho de Louis Althusser . . . . . 173  
*Suely Aires*
- Joyce, o intragável . . . . . 185  
*Maria Teresa Guimarães de Lemos*
- Forçage e violência da linguagem . . . . . 197  
*Maurício Eugênio Maliska*

Silêncio e voz na clínica psicanalítica. . . . .	205
<i>Ariana Lucero</i>	
Leitura e interpretação em ponto de letra . . . . .	217
<i>Júlia de Sena Machado</i>	
Rasuras na Paisagem . . . . .	225
<i>Juliano Moraes</i>	

#### IV. CLÍNICA E INTERPRETAÇÃO

Outra volta – observações sobre re-análise e a volta necessária. . . . .	235
<i>Nina Virginia de Araujo Leite</i>	
Construção do caso clínico em instituições . . . . .	251
<i>Angela Vorcaro</i> <i>Aline Aguiar Mendes</i> <i>Nathane Miranda</i> <i>Bárbara Souto</i>	
Da disjunção entre saber e verdade, a interpretação. . . . .	279
<i>Cristóvão Giovani Burgarelli</i>	
A história do fim de análise . . . . .	293
<i>Luciana Salum</i> <i>Ricardo Goldenberg</i>	

#### V. OUTRAS INTERPRETAÇÕES: A LINGUAGEM, A TEORIA, A TRADUÇÃO

A estrutura como objeto. . . . .	301
<i>Paulo Sérgio de Souza Jr.</i>	
Discurso, interpretação, enigma: [o] que volta no parafuso? . . . . .	307
<i>Luigi Barrichello</i>	

Alienação, interpretação analítica e interpretação dialética . . . . .	319
<i>Mariana Marques Moraes</i>	
Como a Teoria Crítica trabalha a Psicanálise? . . . . .	329
<i>Fabio Akcelrud Durão</i>	
O Moisés de Freud: historicidade e interpretação psicanalítica . . . . .	341
<i>J. Guillermo Milán-Ramos</i>	
Sobre a violência da relação tradutória. Ou: a tradução como ato . . . . .	351
<i>Marcelo Jacques de Moraes</i>	
Violência e interpretação: uma leitura psicanalítica da violência e de sua interpretação nas manifestações políticas de junho de 2013 . . . . .	361
<i>Hugo Leonardo Lana dos Santos</i> <i>Pedro Eduardo Silva Ambra</i>	
Quem tem medo do <i>ready-made</i> ? Arte contemporânea e interpretação. . . . .	373
<i>Sonia Borges</i>	
Sobre os autores. . . . .	381

## Prefácio

# Interpretação e enigma na literatura e na psicanálise

No belo ensaio intitulado “Henry James: Madness and the Risks of Practice (Turning the Screw of Interpretation)”, Shoshana Felman mostra que *Turn of the screw* [*A volta do parafuso*], 1898, de Henry James, é um texto que condensa e encena os limites do encontro entre literatura e psicanálise. A história de fantasmas de Henry James pode ser considerada uma tragédia da interpretação, nos termos da própria Shoshana Felman ao falar de *Édipo Rei* e de *Hamlet*. Os fantasmas de Henry James não são um saber ou uma referência. Cabe aqui aquilo que Derrida diz lá em *Espectros de Marx*, a saber: “o estar aí de um ausente ou de um desaparecido não pertence mais ao saber” (Derrida 1994, p. 21). Por isso, os fantasmas são um convite à interpretação que permanecerá no indecível: o fantasma é um morto-vivo, aquilo que deveria ter permanecido enterrado, mas voltou à luz. Na ausência de uma sepultura simbólica, o morto-vivo é um furo real. E a questão não reside no que a história significa (a resolução do enigma), mas sim na construção do enigma.

Se a interpretação precede o enigma, é porque este livro propõe uma desnaturalização entre os termos. Se, como disse Lacan, a estrutura da interpretação coloca em cena um “saber como verdade”, o enigma é uma enunciação que ainda não encontrou seu enunciado. A interpretação não resolve o enigma. Assim como em *Édipo em Colono*, uma vez desvendado o enigma da identidade do herói, resta o enigma em torno de seus atos e de sua morte – será que ao me tornar ninguém me tornei alguém?

A precedência da obra e a relevância do seu modo de funcionamento, e não a exegese do seu sentido último e inequívoco, fazem da leitura um jogo arriscado. Shoshana Felman, através da leitura cerrada da obra jamesiana, dramatiza o ato de ler implicando-o em termos de cena, efeito, conflito, repetição, perda do sentido e destituição do mestre. Destituído o mestre, quem controlará a univocidade do sentido? É Barbara Cassin, leitora de *O aturdido*, quem traça com precisão uma diferença a se considerar de Freud a Lacan no que diz respeito às operações com o sentido. Se Freud, com a hipótese do inconsciente, faz entrar no refúgio do sentido o não-sentido, o lapso, o sonho, Lacan efetua uma outra volta do parafuso e opera com outra lógica, qual seja, a da homonímia e a do equívoco. Cadeia de leituras a partir de uma lógica de expropriações.

É somente, sob o risco do equívoco, sob o efeito da barra que impede a totalização, que a prática da letra pode coincidir com o uso do inconsciente. Como leitor e operador, o inconsciente não é convocado a explicar, mas sim, é convidado a uma ética e a uma prática de leitura em que a interpretação possa, em uma volta a mais, garantir a inacessibilidade do enigma fora do risco das totalizações do sentido. É nesse lugar do infortúnio que a literatura encontra a psicanálise. Sob o efeito dele é que cada um é convidado a dar forma. Outra volta, uma vez mais.

Aqueles que aceitaram o convite recolocaram em cena o discurso e o efeito da letra, a língua e lalíngua, “a derribada do sentido”; assim, nos confins do *absenso*, o fim de análise pode ser pensado como uma “alteração da órbita” quando se percebe presa da estrutura. O ato de leitura que articula literaterra ao sinthoma de Joyce permite formular que “o fim da psicanálise está longe de ser a libertação da sobredeterminação, o desassujeitamento à estrutura. Não seria talvez o contrário, uma assunção ainda mais radical da dependência estrutural que o sujeito tem ao campo do Outro, na medida em que esta dependência não pode mais ser enganada por nenhum objeto fantasmático?” Ao saber fazer com lalíngua, acrescenta-se uma saber fazer com a barra.

Pode-se falar dela, da estrutura, aproximando e distinguindo a teoria lacaniana e a dialética hegeliana no que toca à linguagem, à alienação, à negatividade e à verdade. E, depois de Hegel, e de Marx, é tempo de pensar os limites do “gesto de pensamento” da Teoria Crítica quando opera com a psicanálise ou, antes, ainda é possível tal gesto? Uma vez mais, interpretação e violência foram recolocadas em questão. Retorna-se a Freud, ao umbigo do sonho no que ele aponta de suspensão, para se pensar a

violência fundamental do ato tradutório. Retorna-se a *Psicologia das massas e análise do eu* e a *Totem e Tabu*, para se interpretar a violência nas manifestações de junho de 2013, não sem o pensamento político de Hannah Arendt e Giorgio Agamben. E, foi diante da violência da impronúncia, que Louis Althusser recusou a posição de objeto e testemunhou o paradoxo de “falar do ato criminoso e do sujeito desse ato, sem, contudo, subjetivar tal ato, sem fazer-se responsável”. A reescrita da mesma cena, do mesmo crime, levanta, através do jogo entre autor, narrador e personagem, a *pedra sepulcral do silêncio*.

Outros convidaram os artistas para mostrar a “alteração da órbita”. Marcel Duchamp foi convidado a formalizar um para “além do deciframento” e estreitar a relações entre o ato analítico e o poético. Marguerite Duras, em três cenas, é convidada a problematizar a diferença entre insistir e repetir, repete-se um tema em posições enunciativas distintas, insiste a escrita para bordejar um vazio. Maria Gabriela Llansol sonha que “temos a linguagem” para convidar a percorrer o caminho dos absolutamente sós na escrita, mesmo que ela nos leve a *paisagens tão difíceis de nomear. Cena Fulgor*. Tão difícil como a nomeação é o endereçamento, eis o que sabe Franz Kafka em sua *Carta ao pai*, revisitada para pensar, ora como fusão, ora como cisão, a relação entre cena e interpretação. Mais um giro na volta do parafuso da literatura e a figura do *flâneur* é convidada para repensar a carta e a letra. Mais além da beleza ofuscante do narrado por Riobaldo, pode-se ler, em uma chave crítica mais distanciada, isto é, na leitura cerrada da narração, a violência do gesto de produzir enigmas e travos. Violência enunciativa que remete à fratura entre o moderno e o arcaico, entre dominação e submissão. É Borges que, na pronúncia do nome da mulher amada – *Beatriz Elena Viterbo*, desde sempre perdida, inscreverá a fissura pela perda, o apagamento pelo nome; lição aprendida em Borges (e não sem as balizas de método de Lacan), a astúcia da leitura produzirá um lugar de atravessamento entre *El Aleph* e *Histoire de l’oeil* como campos heterogêneos, gesto que funda a cena interpretativa do próprio ensaio radicalmente causado por seu objeto, “reliquia atroz.”

Basta dizer “reliquia atroz” e nos deslocamos da tragédia da interpretação para as leituras da tragédia grega. Desaparecida, há que se recolher os seus vestígios, e o que é indubitável – “a trajetória do ocaso é repleta de importantes e numerosos vestígios. Do ponto de vista da práxis, a tragédia permanece referência, mesmo que *ex negativo*.” Parece-nos que também se herda da tragédia, não somente a possibilidade de forjar um

complexo, mas principalmente um campo de negatividades, que, por sua vez, não pode ser tomado como resolução ou interpretação final para a condição humana ou da arte. De Sófocles a Eurípedes, de Ajax a Hércules, ocorrem transformações importantes no modo de apresentar deuses e heróis. Sófocles resguarda a aura sublime do herói homérico e Ajax não suporta perder a autoimagem gloriosa diante da fragilidade humana. Fragilidade que será assumida como drama subjetivo por Hércules, o que funda a possibilidade de uma experiência pós-traumática e de uma nova ética. De Sófocles a Ésquilo, da ação trágica à *Poética*, de Aristóteles, busca-se uma nova conjugação entre *práxis* e *páthos* para pensar uma “prática analítica” que mereça e sustente este nome. “Relíquia atroz”, de Freud a Borges, ou a Kaváfis, passando por Agamben, ler a tragédia é, mais uma vez, ainda, deslocar os paradigmas da interpretação. E “abrir a aporia”, em outro caso, ler *As troianas* com o Seminário sobre *os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, ou, ler o Seminário<sup>11</sup> com *As troianas*, implica atravessar um espaço ilusório, outra cena em que “o ato de interpretação é uma espécie de ilusão de paralisação desse giro infinito, o momento em que se parece ter chegado a algo, embora na saúde saibamos que nunca chegamos a lugar nenhum, estruturalmente nunca chegamos a lugar nenhum, como Hécuba nos pátios destruídos da cidade de Tróia: esta é minha casa, mas estas são ruínas; logo, esta já não é minha casa”.

Para finalizarmos, voltemos a Jorge Luis Borges. O que se transmite, por exemplo, em “Pierre Ménard, autor do Quixote”, é o próprio ato de leitura como instaurador de um palimpsesto. Se o dizer está esquecido no que se ouve, reescrever o Quixote é destacar dele a sua dimensão de enunciação ou barrar o enunciado em sua lógica de identidade com o sentido. Em seu ato de leitura-escrita, Pierre Ménard escuta no Quixote de Cervantes a enunciação esquecida e, com ela, lê e reescreve. Se há dois Quixotes, o de Cervantes e o de Ménard, um descompleta o outro. E não é esse descompletar uma aposta na lógica das expropriações em que nenhuma univocidade se fixa – ficção submetida à barra que sulca o enunciado. Procedimento de leitura e de escrita que tocam no real ao perder todo sentido, quando interpretar reduz-se a dar forma e o enigma reduz-se ao resto. Hora de partir, como na lição do poeta, *sem medo, sem remorso, sem saudade*. Prescindir da lua cheia, e querer a lua nova.

Flavia Trocoli e Nina Virginia de Aranjó Leite

Agosto de 2014